



A chave sociológica para decifrar as relações entre literatura e política

Rodolfo Godoi¹

Resenha do livro:

SAPIRO, Gisèle. *Os escritores e a política na França: do Caso Dreyfus à Guerra na Argélia*. Tradução de Nívio de Campos. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2024.

Com tradução de Nívio de Campos², chega ao Brasil o livro *Os escritores e a política na França: do Caso Dreyfus à Guerra da Argélia*, da socióloga francesa Gisèle Sapiro, diretora de estudos na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais e diretora de pesquisa pelo Centro Nacional de Pesquisa Científica da França. No Brasil, a editora Moinhos publicou as obras *Sociologia da Literatura* (2019), que faz uma revisão das principais correntes da sociologia da literatura, e *É possível dissociar a obra do autor?* (2023), mostrando a história social da distinção entre moral da obra e moral do autor, recentemente retomado no debate público pelos movimentos feministas.

Nessa recente tradução, lançada originalmente em 2018 pela Editions du Seuil, na França, a autora realiza uma análise sociológica da relação entre os escritores e a política francesa desde o Caso Dreyfus, ao final do século XIX, à Guerra de Independência da Argélia, nos anos 1960. Sua abordagem consegue, simultaneamente, superar dois problemas recorrentes: a subsunção da literatura à política e da política à literatura. Sua sociologia se destaca por não reduzir

1 Universidade de Brasília – Brasília – DF – Brasil – e-mail: rodolfogodoi@gmail.com – ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0108-9716>.

2 Professor na Universidade Estadual de Ponta Grossa, líder do Grupo de Pesquisa História, Intelectuais e Educação no Brasil e no contexto internacional.

o engajamento político à concepção literária, assim como por rejeitar o substancialismo comum às abordagens da história das ideias, que frequentemente estabelece conexões intrínsecas entre práticas estéticas e ideias políticas

Orientada por Pierre Bourdieu em sua tese de doutorado, Gisèle Sapiro dá continuidade à sociologia relacional, e tem o problema da autonomia como central em sua produção (Névio, 2022). A tese publicada em livro *La Guerre des écrivains, 1940-1953* (2018), pela Fayard, também disponível em inglês *The French's Writers Wars, 1940,1953* (2014), pela Duke Press University, coloca de forma sólida os problema sociológicos e materiais empíricos retomados na obra ora resenhada. Em ambos, a socióloga nos apresenta uma interpretação contumaz das complexas relações entre as práticas políticas e as práticas da escrita. Ao perseguir sistematicamente o problema da relação entre literatura e política ao longo de sua carreira, sua prolífica produção tem qualificado o debate internacional na sociologia da cultura, tornando-se uma referência incontornável para aqueles que buscam uma abordagem cientificamente fundamentada na interpretação dos campos de produção e reprodução simbólicos.

Em seu primeiro livro, *A Guerra dos Escritores* (1999), a autora analisou o comportamento dos escritores franceses com base em suas posições no campo literário durante o período que vai da ocupação nazista na França, em 1940, até a segunda lei da anistia aos colaboradores, em agosto de 1953. Esta lei, embora não tenha encerrado o debate, marcou o momento em que a questão do colaboracionismo deixou de ser dominante nas posições do campo literário francês, sendo fortemente atravessado pela ideia de “responsabilidade do escritor”. A história social dessa ideia na França é explorada ao longo de três séculos em *La Responsabilité de l'Écrivain – Littérature, Droit et Morale en France (XIXe-XXIe Siècle)*³ (2018) e foi sintetizada na célebre frase de Simone de Beauvoir: “Há palavras que matam mais que câmaras de gás”, dita ao se recusar a apoiar a anistia dos escritores colaboradores do regime nazista, tema aprofundado em *Des Mots Qui Tuent: La Responsabilité de l'Intellectuel en Temps de Crise (1940-1945)*⁴ (Sapiro, 2020).

Os diferentes modos de politização do campo literário são objetos de análise da primeira parte do livro, intitulada *Politização*. O conceito de campo é o que a permite operacionalizar uma mediação das práticas sociais, de modo reducionista, apresentando no primeiro capítulo do livro, *Campo literário e campo político*, como as demandas políticas do período se refratam na literatura a partir

3 Tradução: *A Responsabilidade do Escritor: Literatura, direito e moral em tempos de crise (1940-1945)*, não publicado no Brasil.

4 Tradução: *As palavras que matam: A responsabilidade do intelectual em tempos de crise (1940-1945)*, não publicado no Brasil.

de suas próprias regras, relativamente autônomas. Os vínculos ideológicos e expressões literárias diferentes dependem da posição do escritor nas relações do campo literário francês. As disputas políticas na literatura só podem ser entendidas porque ao fim e ao cabo, “o processo que conduz a institucionalização de um campo é um processo de institucionalização da anomia” (Bourdieu, 2021: 153), no qual nenhum escritor consegue entender em definitivo as regras do jogo, mas estão necessariamente disputando-as.

Com extenso material empírico, o segundo capítulo intitulado *Formas de politização do campo literário* analisa características sociais dos escritores, organizando-os em quatro tipos de posição: entre os dominantes estão os estetas e os notáveis; e entre os dominados, as vanguardas e os polemistas. Com grande fôlego de pesquisa, não se limitando a uma sociologia quantitativa, o seu esforço intelectual nos garante uma apreciação estética das obras de alguns autores exemplares, como o caso do comunista Louis de Aragon e do fascista Pierre Drieu la Rochelle, objeto dos capítulos cinco e seis.

O capítulo três, *Figuras de escritos de extrema-direita: entre o maurrassismo e o fascismo*, dedica-se a compreender como o fascismo atraiu certos escritores franceses entre os anos 1930 e a ocupação nazista na França de 1940 a 1944. Nele, Sapiro apresenta três fatores: “as transformações do campo político e das opções ideológicas; as contendas específicas do campo literário [...]; [e] as características sociais desses autores” (Sapiro, 2024:111), articulados em sua análise em cada polo do campo literário, marca da sua sociologia. A autora conclui que o recrutamento dos escritores fascistas é desequilibrado, sendo os polemistas os mais preponderantes, seguido dos notáveis e, por fim, dos estetas. O polo vanguardista era o único do qual não seria possível afirmar existir escritor fascista.

O capítulo quatro, *O engajamento constrito dos escritores comunistas, da “drôle de guerre” à Guerra Fria*, encerra a primeira parte do livro. Ele é dedicado aos escritores comunistas, e o que sentimos falta é o mesmo volume de dados daqueles apresentados nos capítulos anteriores, dos quais os escritores fascistas são identificados e posicionados nos diferentes polos. Aqui, a autora mostra como a concepção de literatura e a organização dos escritores mudou no Partido Comunista Francês entre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria. O modelo de referência da literatura soviética, determinado por Lenin, concebia a “literatura de partido” como estreitamente ligada à organização dos escritores” (Sapiro, 2024: 154). O realismo socialista, elaborado pelo escritor soviético Jdanov, permitia designar uma função específica aos escritores no aparelho ideológico do Estado.

Para entender como esse problema político e estético é desenvolvido na França, a socióloga opta por analisar em profundidade a produção do escritor Louis

Aragon, filiado ao Partido Comunista Francês. A autora mostra como realismo socialista se opõe tanto à concepção formalista de arte pela arte, como ao naturalismo, como mero retrato da realidade, sem qualquer intervenção nela. É Aragon que dá ênfase à dimensão nacionalista, defendendo um reapropriação da literatura francesa, a partir da perspectiva do realismo socialista. É também ele que encarna a disputa entre o profissionalismo da literatura, submetida à avaliação de pares especializados — portanto à autonomia — e o movimento obreirista, que tinha como princípio a subsunção dos produtos culturais à classe trabalhadora e seus representantes. A querela chegou a ser objeto de reunião organizada pelo Partido Comunista Francês em 17 de junho de 1949, na qual Aragon faz uma autocritica pela representação não fiel da classe trabalhadora, mas segue defendendo a posição do profissionalismo em outro evento no ano seguinte.

A segunda parte do livro intitulada *Visões de mundo e ética da escrita* abre com uma crítica à chamada “teoria do reflexo marxista”, que vê tanto a cultura como a religião como meros espelhamentos das relações de produção. A autora mostra que, se por um lado, a perspectiva marxista inovou ao fugir das abordagens puramente internas às obras e ressaltar a dimensão ideológica da produção literária, o equívoco se colocou na outra ponta: um olhar determinista frente à ideologia. Este último é um conceito a ser também revisto, uma vez que pressupõe certo tipo de valores sistematizados e coerentes que os grupos dominantes imprimiriam a todos sob a forma de uma falsa consciência. A correção sociológica de Bourdieu avança nesse problema filosófico pelo conceito de *doxa*, isto é, “o conjunto de crenças que fundam a visão de mundo e fazem com que esse mundo se torne evidente” (Sapiro, 2024: 197), sistema de ideias e convicções nomeado por Bourdieu de senso prático, ou seja, a forma pela qual as pessoas são orientadas a agir e pensar sobre o mundo.

O quinto capítulo, *Política da ficção e ficcionalização do político*, é dedicado à compreensão do recurso à ficção literária para o engajamento político, cifrando uma mensagem política quando ela não pode ser devidamente colocada em público. Os efeitos sociais da literatura e a responsabilidade dos autores, tema densamente discutido em *La responsabilité de l'écrivain: Littérature, droit et morale en France (XIXe-XXIe siècle)* (2011), são abordados aqui na querela entre a oposição da ficção e da realidade; na obra, a autora mostra que o caráter político do romance encontra-se justamente da reivindicação da maneira de representar a ordem social. É a politização do *romance de formação* — que, por isso mesmo, passa a ser alcunhado de *romance de tese* — que levanta o problema entre a verossimilhança e a verdade. Já a *literatura engajada* após a II Guerra Mundial sintetiza algo entre o realismo e o existencialismo.

O capítulo seis, *Drieu la Rochelle entre o sonho e a ação: a fabricação de um escritor fascista*, concentra-se na trajetória de um dos expoentes da literatura fascista, “profeta da catástrofe” (Sapiro, 2024: 265). A autora, nesse capítulo, opta por uma leitura cerrada das obras de Pierre Drieu la Rochelle, evidenciando as possibilidades de interpretação sociológica da triangulação entre história nacional, história pessoal e os escritos do autor. Para isso, dedica-se a duas obras dele: *État civil*, de 1921, e *Rêveuse bourgeoisie*, de 1937.

O capítulo sete, *Poesia e propaganda na França ocupada: da verdade das metáforas à poética dos nomes próprios*, dedica-se à análise da dimensão ativa da literatura na construção da realidade social, e a autora mostra isso empiricamente ao examinar a interpretação em disputa da derrota de 1940 e a ocupação alemã, momento de crise e de reorganização da vida e das visões de mundo. Assim, ela analisa o papel da poesia nesse contexto, na estratégia empenhada por Aragon, enfatizando a dimensão formal. Gisèle Sapiro desenvolve o argumento de que a opção pela poesia na ocupação não pode ser respondida apenas de maneira funcionalista, isto é, pelas novas condições de produção impostas pela Ocupação, “a poesia avança disfarçada, por trás da alegoria, da metáfora, dos deslocamentos no tempo, ela transmite sua mensagem em ‘contrabando’” (Sapiro, 2024: 291).

Por fim, o capítulo 8, *Malraux, entre campo literário e campo político: do anticolonialismo ao Ministério da Cultura*, dedica-se ao único escritor francês que se tornou ministro da cultura, feito realizado já no século XX, quando a literatura não era mais um trampolim para a política, como no século precedente, dado o grau de autonomia e profissionalização de ambos os campos. Aqui a socióloga utiliza-se do conceito sociológico de trajetória, como pensando em Bourdieu (1986) em oposição a *ilusão biográfica*, geralmente tomada de forma coerente e linear. É o que lhe permite entender as mudanças das relações do campo político com o campo literário. Sapiro também evidencia como Malraux nos ajuda a entender as mudanças nas oposições entre Ocidente e Oriente a partir de seu relativismo cultural, notadamente em *La Tentation de l'Occident*.

O epílogo do livro busca compreender as transformações política da literatura na França desde a Guerra da Argélia até a recente repolitização dos escritores franceses tanto à direita como a esquerda. A sociologia que Gisèle Sapiro emprega no livro aqui resenhado é refinada o suficiente para explicar as complexas relações da política e da literatura na França, assim como para servir de referência metodológica para a produção científica fora do seu país. Dispondo de uma diversidade de técnicas, a autora consegue circunscrever seu objeto de estudo, a partir de um problema sociológico lúcido e ancorado. O seu arsenal inspira pesquisadoras e pesquisadores da sociologia da cultura para o desafio

de entender uma das áreas mais imantadas de crenças do mundo contemporânea, os espaços especializados e legítimos de produção simbólica e interpretação do mundo. Como alerta o tradutor Nívio de Campos:

É importante dizer que não se trata de apenas transportar ao Brasil os aportes de análise utilizados por Gisèle Sapiro na situação francesa. Aqui está contida a máxima que diferencia leitor(a) de autor(a). Consistem em uma visada à esta obra na condição de autoria, isto é, de quem se interessa por esta análise a fim de encontrar elementos para desenvolver pesquisas no contexto brasileiro (Campos, 2024).

Bibliografia

- BOURDIEU, Pierre. *L'illusion biographique. Actes de la recherche en sciences sociales*, Paris, v. 62-63, pp. 69-72, 1986.
- BOURDIEU, Pierre. *Regras da arte: gêneses e estrutura do campo literário*. São Paulo, Companhia das Letras, 2021.
- CAMPOS, Nívio de. Prefácio. In: SAPIRO, Gisèle. *Os escritores e a política na França: do Caso Dreyfus à Guerra na Argélia*. Ponta Grossa, Editora UEPG, 2024.
- SAPIRO, Gisèle. *La responsabilité de l'écrivain: littérature, droit et morale en France, XIXe-XXIe siècles*. Paris, Éd. du Seuil, 2011.
- SAPIRO, Gisèle. *The French Writers' War, 1940-1953*. Durham; London, Duke University Press, 2014.
- SAPIRO, Gisèle. *Sociologia da Literatura*. Belo Horizonte, Moinhos; Contafios, 2019.
- SAPIRO, Gisèle.; CAMPOS, Nívio de. Um diálogo: entrevista com Gisèle Sapiro. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 17, pp. 1-15, 2022.
- SAPIRO, Gisèle. *La guerre des écrivains 1940-1953*. Paris, Fayard, 2018.
- SAPIRO, Gisèle. *É possível dissociar a obra do autor?*. Tradução de Juçara Valentino. Belo Horizonte, Editora Moinhos, 2022.
- SAPIRO, Gisèle. *Os escritores e a política na França: do Caso Dreyfus à Guerra na Argélia*. Ponta Grossa, Editora UEPG, 2024.

Data de submissão: 31 de janeiro de 2025

Data de aceite: 16 de maio de 2025

Como citar esta resenha:

GODOI, Rodolfo. A chave sociológica para decifrar as relações entre literatura e política. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v.15, p. 01-06, e151409, 2025, Doi: <https://doi.org/10.14244/contemp.v15.1409>